

Reportagem de capa: Silvicultura

Eucalipto para toda obra

Projeto da Esalq/USP testa, diretamente nas propriedades rurais, as espécies de eucalipto adequadas a cada região

Tânia Rabello

Há diversidade no eucalipto. Ao contrário do que muitos possam concluir, ao observar florestas plantadas para produção de celulose e papel, nem só de plantas clonadas sobrevive a eucaliptocultura no País. Para pequenos produtores, aliás, o cultivo de uma espécie só, clonada, pode ser arriscado e limitado quanto ao aproveitamento de todo o potencial do eucalipto, conforme ensina o engenheiro florestal João Dagoberdo dos Santos, pesquisador de Sistemas Agroflorestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP).

Um pequeno produtor pode obter renda do eucalipto em apenas 1 hectare, plantando 9 espécies diferentes da árvore, que se prestam a várias finalidades, como produção de mel, de madeira para energia (carvão e lenha), para construção civil, serraria, movelaria, óleo essencial e celulose, entre outras.

Com desbastes a cada quatro anos, o agricultor consegue renda extra com a venda da madeira e, desde o primeiro ano, pode obter algum dinheiro com a instalação de colméias para produção de mel e outros produtos apícolas. Com 20 anos de cultivo, faz-se o corte raso, com a venda das toras para movelaria e outras finalidades mais nobres.

Este é, em linhas gerais, o sistema preconizado e idealizado na Esalq, denominado Teste de Uso Múltiplo de Eucalipto, ou, simplesmente, Tume. Formatado pelo professor de Silvicultura do Departamento de Ciências Florestais da instituição, José Luiz Stape, o Tume foi posto em prática em 1996 e



STAPE ENTRE OS EUCALIPTOS – “Primeiro desbaste, no 4.º ano, cobre custos de instalação do cultivo”

200

espécies de eucalipto, de um total de 600. calcula-se que tenham sido introduzidas no País até hoje

40

espécies de eucalipto têm potencial de produção no Brasil, mas não mais do que 10 são cultivadas em larga escala

60

espécies de eucalipto é o total de espécies mantidas na coleção da Esalq/USP, a maior do País

hoje conta com cerca de cem experimentos em oito Estados brasileiros. “Temos a maior coleção de eucaliptos do País, com 60 espécies. Não tem lógica essa coleção ficar confinada na universidade; ela tem de estar no quintal do produtor.”

CLIMA E SOLO

Nos Tumesc espalhados pelo

País há cerca de 30 espécies sendo usadas. “As nove que compõem cada hectare de Tume são selecionadas conforme o clima e solo da região e a intenção comercial do produtor”, explica Stape. “É um teste de uso; o produtor vai cultivar as nove espécies e verificar, ao longo do manejo e da própria vocação dele e da região, quais espécies se adaptam melhor à propriedade.”

Ao longo dos 20 anos, o produtor se compromete com a universidade a abrir a propriedade à visitação de interessados e tem, em contrapartida, o fornecimento das mudas a preço de custo pela Esalq, a assistência técnica e o acompanhamento gratuito (só é necessário o produtor pagar despesas de transporte, hospedagem e alimentação dos técnicos) e aferimentos do desenvolvimento da floresta.

Stape diz que é importante destacar que o eucalipto deve ser visto como “mais uma” opção de renda. “O Tume pode entrar em áreas declivosas e inaproveitadas da proprieda-

de, onde o cultivo de outras espécies é mais custoso ou inviável”, ensina.

Só para se ter uma idéia, ao fim de 20 anos, sem contar a produção de mel ou de óleos essenciais e os desbastes feitos a cada 4 anos – “A venda da madeira do primeiro desbaste já paga o investimento inicial”, diz Stape –, é possível obter 200 árvores por hectare, ou 300 metros cúbicos. “Com o metro cúbico a R\$ 80, um hectare rende R\$ 24 mil, em média”, calcula Stape, acrescentando, porém, que esses valores são apenas “uma idéia”, já que variam conforme o manejo dado ao cultivo, sobretudo as despesas com adubação e controle de formigas, a principal praga do eucalipto.

O principal, para Stape, é que, ao longo do processo, o produtor verificará a real vocação da propriedade em relação ao eucalipto. “Ao fim do primeiro corte raso ou se o produtor tiver mais área, pode plantar as espécies que se adaptaram melhor ao projeto da propriedade”, conclui. ●



AOS NOVE ANOS – Em Lins, produtor mantém 5 Tumesc, há quase uma década

‘Tume dá segurança quanto à espécie ideal’



ALMEIDA EM SEU TUME – Busca por alternativa que não exigisse tanto tempo quanto o cultivo de flores

É o que garante o agricultor de Lins, que já escolheu, a partir do teste, o eucalipto mais adequado à sua região

A propriedade do agrônomo e produtor rural José Luiz Almeida, em Guaicara, região de Lins (SP), tem como atividade principal a produção de flores,

em 2 hectares de estufas. Há uma década, Almeida decidiu diversificar a atividade econômica do sítio. “Como o negócio principal é flor, eu não queria uma segunda atividade que me tomasse tanto tempo”, explica. “Não poderia, por exemplo, pensar em fruticultura. A partir daí começamos a analisar o eucalipto.”

Almeida decidiu instalar o primeiro Tume na proprieda-

de há nove anos. “Hoje, temos 5 Tumesc, em 5 hectares. O Tume mais novo tem um ano”, diz ele, acrescentando que ao longo desse período já pôde concluir que a principal espécie de eucalipto plantada na região, o *Eucalyptus camaldulensis*, perde em produção de madeira para outras duas espécies em teste no Tume: o *E. urophylla* e o *E. urograndis*. “Com esses dados do Tume instala-

Diversificação em Joanópolis

O Tume, que já contempla um plantio diversificado de eucalipto, está inserido num sistema agrossilvipastoril, que produz, além de madeira, alimentos, ajuda na preservação ambiental e no sustento de pequenas propriedades rurais.

Essa experiência já ocorre em Joanópolis (SP), por intermédio da Experimentação em Agrossilvicultura e Participa-

ção Social, desenvolvida e coordenada pelo Núcleo de Apoio e Pesquisa à Extensão da Esalq/USP, em parceria com a Votorantim Papel e Celulose, o governo estadual e a Secretaria de Agricultura do município. Ali, três Tumesc já estão instalados em pequenas propriedades, com 12 espécies de eucalipto em teste.

Segundo um dos coordena-

dores do projeto, João Dagoberdo dos Santos, “os Tumesc em Joanópolis são áreas demonstrativas para a região”, diz. “Nossa proposta é desencadear um novo tipo de relação entre os pequenos agricultores e as grandes empresas de papel e celulose, apontando para uma nova forma de fomento florestal que inclua esses agricultores, sem desca-

mos nosso plantio comercial, de 15 hectares, 90% com essas duas espécies”, diz. “O principal auxílio do Tume, para nós, é a segurança que ele dá na espécie a ser escolhida.”

ENERGIA E MADEIRA

A vocação da região, segundo Almeida, é para produção de energia – “Há muitas olarias e frigoríficos que precisam de madeira” – e serraria, “pois temos grande produção de vigas, caibros e até pallets, que é o objetivo principal do meu cultivo”, diz Almeida.

“Com 50% do que você retira da sua lavoura, ou seja, o primeiro desbaste, que tira metade das árvores para que as outras se desenvolvam melhor, já se recupera o capital investido”, garante. “Dali para frente, o custo de manutenção do eucalipto é muito baixo, mas é importante manter atenção constante com as formigas, que podem pôr a perder 100% do investimento”, alerta.

Outra vantagem, segundo Almeida, é a possibilidade de produtores interessados da região coletarem os dados de seu Tume para optarem pela espécie mais adequada. “Na região de Lins já não é necessário mais nenhum Tume; os interessados podem visitar os meus Tumesc ou obter todos os dados via internet, no site www.tume.esalq.usp.br.” ● T.R.

INFORMAÇÕES:
No site www.tume.esalq.usp.br